

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16772 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

A NECESSIDADE DA RESPONSABILIZAÇÃO DOS PAIS E MESTRES NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS EM PLUTARCO

Helena Maria de Oliveira Besson Paiva - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Terezinha Oliveira - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

A NECESSIDADE DA RESPONSABILIZAÇÃO DOS PAIS E MESTRES NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS EM PLUTARCO

RESUMO: Este artigo tem por finalidade refletir sobre o tratado de Plutarco (46-120), na obra *Da Educação das Crianças*, que evidencia a necessidade de uma formação desde cedo, e a conduta que aqueles que as educam devem ter para se alcançar a moralidade nos educandos. Também refletimos a respeito da necessidade da responsabilização dos pais e mestres pela educação das crianças. Por fim, seguindo os pressupostos da história social utilizaremos como fundamentação metodológica os historiadores Marc Bloch (2002) e Le Goff (1990) que tratam a respeito das concepções do passado/presente e da manutenção da memória.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Humana. Autoridade. Educação. Crianças.

O objetivo central deste artigo é analisar os escritos de Plutarco (46-120) sobre o modo de educar as crianças, e a importância da responsabilidade dos pais e mestres na formação humana destes educandos. Sua obra *Da Educação das Crianças*, é um tratado que foi escrito no período greco-romano, provavelmente, nos séculos I ou II d. C, sendo um tratado da Antiguidade, que se refere à pedagogia. Este artigo está amparado mediante a análise metodológica da história social, sob orientação dos historiadores Le Goff em sua obra *História e Memória (1990)* e também se servirá das reflexões de Marc Bloch em *A apologia da história ou o ofício do historiador (2002)*. Suas contribuições se dão em torno do entendimento da memória, que é onde a história se alimenta, esta que irá fazer com que o passado somente permaneça em virtude de se consolidar um presente e um futuro bem fecundos e orientados.

Notamos que há uma falta de responsabilidade com a educação das crianças em nosso presente, seja pela família, pelos educadores que ocupam os espaços escolares, seja pela sociedade como um todo. Assim, consideramos os escritos de Plutarco notáveis, mesmo no século I, já pensava em uma educação moral e virtuosa a fim de conduzir as crianças aos melhores caminhos, idealizando que se tornassem cidadãos de excelência para agirem em comum com os outros.

Deste modo, este tratado educacional voltado as crianças não se distância da prática do período que Plutarco vivenciou. O filósofo pensava em uma educação para a longa duração e não somente para o seu tempo presente. Quando o filósofo iniciava a escrita de seu tratado o período que vivenciava passava por uma alteração: a da Época Clássica para a Época

Helenística:

[...] enquanto na Época Clássica cabia à polis, a esse colectivo mais ou menos abstracto, a função educativa... [...] na Época Helenística, por sua vez, a família passa a ser considerada o centro vital da formação. Além disso, percebe-se ao longo do tratado que a acção educacional da família não se esgota nos primeiros anos de vida da criança, uma vez que depois é vital, por exemplo, escolher um pedagogo competente e bem formado, além da necessidade de se acompanharem regularmente as lições dos filhos, uma vez que, segundo o autor do tratado, só os pais que se comprometem com a educação dos seus filhos têm autoridade moral para os corrigir (Pinheiro, 2008, p. 14).

As ideias plutarquianas abordam as melhores formas de se educar aqueles que são novos ao mundo, desde a escolha da mãe que iria gerar, gestar e conceber a criança, até o nascimento, da alimentação, da infância bem conduzida, do casamento, da instrução moral que os pais devem observar na criação dos seus filhos, por fim até na escolha dos mestres que irão guiá-los nos estudos. Plutarco era bem enfático na construção de uma Paideia que objetivava sustentar a formação moral do cidadão. Todo este processo educacional deveria ser conferido na base da instrução, mediante o exercício dos bons hábitos e costumes.

Estas virtudes deveriam ser pensadas ao longo da vida do educando, no entanto, para Plutarco a primeira infância era o tempo oportuno de ensino, pois, seria o momento que a cera estaria mole e mais fácil de se moldar. Deste modo: “[...] o carácter é um hábito consolidado ao longo do tempo.” (Plutarco, p. 37, 2008), é evidente que a instrução deveria ser ministrada pensando que seria consolidada ao longo do tempo da vida deste educando, por meio das observações, e até dos próprios pais que deveriam ser espelhos para estes filhos, assim: “Os pais devem investir o seu tempo, em especial, nos primeiros anos de vida das crianças” (Plutarco, p. 17, 2008).

Para Plutarco, a educação primordial deveria ocorrer no seio familiar, seriam os pais a autoridade maior e de máxima responsabilidade sobre os caminhos educacionais e morais percorridos por seus filhos, assim a família deveria ser o local norteador da formação humana.

Referenciamos também aquilo que Plutarco salienta a respeito daqueles que são novos ao mundo: “Com efeito, o bom nascimento é um tesouro precioso para se poder falar livremente (Plutarco, 2008, p. 32 C)”. Plutarco faz referência há uma boa educação esta que deveria ser preparada antes do nascimento da criança, vemos assim todo um cuidado com o perfil da criação moral e educacional das crianças no século I d.C., período que se via dominado pelos romanos na Grécia, ou seja, em um momento de crise a formação e a conduta dos mais jovens não era dispensada, vale lembrar que Plutarco não escreve um manual as crianças, e sim aqueles que irão instruí-las e cuidá-las em seus primeiros anos de vida.

A criança não aprenderá somente em seu próprio mundo e a partir de sua própria autonomia, ela precisa da condução daqueles que por ela são responsáveis, delegar as crianças o seu próprio aprender e a tomar as próprias decisões de acordo com suas vontades é negar-se enquanto responsável por aqueles que são novos em um mundo que já existe, o que é injusto, pois os adultos/professores e responsáveis já conhecem o mundo, ou ao menos é o que se espera.

A terra é, por natureza, boa. Porém, sendo negligenciada, fica estéril, e quanto melhor é a sua natureza tanto mais empobrece por ficar abandonada, acabando por se tornar inculta. Mas uma terra que é dura e mais rude do que convém, sendo cultivada, produz, de imediato, frutos generosos (Plutarco, 2008, p. 36).

Do mesmo modo a educação das crianças que ao ser negligenciada os deixam como solos secos e inférteis, incapazes de produzir o novo, de conhecerem a liberdade e de se tornarem homens. Ao contrário, que tendo uma educação bem dirigida, onde fique claro as

autoridades no momento de ensino, a criança como a terra citada por Plutarco se bem cultivadas nos bons atos, e orientada no que fazer, produzirá bons frutos, ou seja, será como solo fértil.

Neste sentido, a formação da criança precisa ser assegurada, seja inicialmente pela esfera privada da família que tem o dever de a manter segura, bem como depois com a instrução escolar mediada pelo conhecimento: “O tempo, que tira todas as coisas, concede na velhice o conhecimento. A guerra, como uma torrente, arrasta toda a justiça e leva tudo à frente, só não pode destruir a formação (Plutarco, 2008, p. 45).” O princípio da formação humana e a garantia do conhecimento não podem ser perdidos, pois é uma das únicas capacidades que o ser humano tem se diferenciar da natureza e dos animais, a capacidade de formar e ser formado.

Deste modo, para não se destruir a formação, para não perdê-la no tempo, devemos manter viva a manutenção da tradição, esta que permite que as gerações não fiquem dispersas e nem desamparadas de suas heranças históricas, pois uma sociedade sem herança é uma sociedade sem exemplos, sejam eles bons ou ruins, de todo o modo são necessários para guiar as ações dos homens no tempo.

A ação dos pais se responsabilizando pela educação dos seus filhos, e a ação dos mestres ao ensinar seus educandos, é uma forma de manutenção da memória, aquele que ensina, está de alguma forma mantendo o presente vivo com ações e pensando no futuro, pois este só ocorrerá mediante as ações do presente. A tradição da educação ser delegada a família está se perdendo, cada vez mais os pais estão se desresponsabilizando e se desvinculando do ato de educar, de formar moralmente os filhos, assim a tradição de uma educação moral está se perdendo, quando isso acontece a escola passa a tentar trabalhar em dois papéis, a de formar intelectualmente e a de formar moralmente.

Neste sentido, retornar ao passado e visitar os escritos de Plutarco, nos faz pensar que em nosso presente estamos ignorando certas tradições, e que há a necessidade de fazermos esta referência ao passado como forma de entender o nosso próprio presente. Esta manutenção em referência ao passado seria uma forma de assegurar uma presença ao próprio presente, que é o que Bloch (2002) postulará quando fala que: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente (Bloch, 2001, p. 65).”

O modo como muitas vezes não compreendamos nosso presente resulta da falta de conhecimento de um passado, de uma perspectiva histórica que nos guiou até o presente e que nos deixa deslocados em nosso próprio tempo, sem sabermos para onde ir. Da mesma forma que buscar tentar entender os acontecimentos passados sem entender as ações que nos colocam no presente de nada adiantam, visto que só posso compreender um tempo que já foi a partir do momento que sei o que ocorre no meu tempo presente. Por fim, salientamos a importância da tradição, esta que será salvaguardada por meio da memória que garantirá ao passado uma vida e ao futuro uma esperança: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (Le Goff, 1990, p. 411).

Para tanto, o papel do educador face as novas gerações é de mediar o novo e o antigo, se o faz bem, se mantém as relações de tradição e se resgata o passado na medida que faz seu aluno se posicionar no seu presente, e assim ele certamente assume seu papel de autoridade. Recorremos há um dos excertos de Plutarco, que faz menção a referência que os educadores devem ser e ter na formação das crianças, os educadores quanto os pais devem mediar os caminhos corretos das crianças, preparar a terra, semear e cuidar para que os bons frutos venham, bem como o agricultor que direciona o crescimento das suas plantas como um

sustentador de suas ações. Para Plutarco os pais deveriam escolher com cautela quem educaria seus filhos: “Procurem-se para os filhos mestres que tenham uma conduta de vida irrepreensível, uma moral acima de qualquer censura e que sejam os melhores pela sua experiência” (Plutarco, p. 41).

O filósofo advertia que os pais deveriam assegurar aos filhos a melhor educação possível, a fim, de encontrar mestres que fossem espelhos de moral e condutas: “[...] assim os mestres, que têm bons hábitos, enxertam nos jovens os princípios e os conselhos convenientes, para que brote neles um carácter recto” (Plutarco, 2008, p. 41). Plutarco ainda afirmava que mesmo após confiar as crianças aos ensinamentos dos mestres, era dever dos responsáveis acompanhar o aprendizado de seus filhos: “É justo repreender alguns dos pais que, depois de confiar os filhos a pedagogos e a mestres, não são testemunhas das lições dos filhos nem os ouvem, descuidando muito o seu dever” (Plutarco, 2008, p. 55).

O filósofo propõe uma educação voltada para a moral/virtudes das crianças, evidenciando todos os cuidados necessários a serem ministrados para que estas crianças possam vir a se tornar adultos responsáveis, assim Plutarco não pensava somente na educação para o presente imediato das crianças, mas este tratado postulava o crescimento cronológico do homem, desde sua infância, a vida adulta até a velhice. Deste modo, para o filósofo: “A formação é o único dos bens que é imortal e divino.” (Plutarco, p. 45, 2008). Esta formação que o filósofo cita se bem fecunda e observada na infância se perpetuara por toda a vida dos homens.

A formação dos homens esta pautada em uma moral bem estruturada, em atitudes virtuosas, se estas crianças estão envoltas a ambientes familiares que as conduzam a caminhos de moralidade, estas chegaram na sociedade produzindo uma civilização que pensa no coletivo, responsável e autônoma. Plutarco pensa em seu tratado também no futuro de sua civilização, direcionando caminhos que os pais e mestres deveriam seguir quando pensavam em educar, seja na educação moral, quanto na formal. O que nos traz a refletir é que: Estamos produzindo um projeto de educação? As famílias têm assumido seus papéis de responsáveis morais pela educação dos seus filhos? Se pensarmos que a resposta é não, devemos indagar: Em que medida a escola poderá formar estas crianças integralmente? Se ninguém se responsabiliza a formação fica abandonada e delegada sempre ao próximo.

No entanto, ao assumirmos o papel de responsáveis pela educação, de sermos aqueles que apresentarão o mundo as crianças, devemos repensar o nosso compromisso como aqueles que formarão o indivíduo, dar as condições de torná-lo homem e de moldar sua formação a vistas de ser um bom cidadão, aquele que possa compreender seu tempo histórico e dirigir bem suas ações no presente. Para tanto, finalizamos com a seguinte reflexão: “A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele” (Arendt, 2011, p. 14).

REFERÊNCIAS:

ARENDRT. H. A crise na educação. In: ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou ofício de historiador**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão; 5ª ed; Campinas, São Paulo: Unicamp, 1990.

PLUTARCO. **Da Educação das Crianças**. Tradução do grego, introdução e notas de Joaquim

Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

PINHEIRO, Joaquim. In: PLUTARCO. **Da Educação das Crianças**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.